

Fräulein: a personagem feminina de Mário de Andrade, escrevendo o seu próprio destino

Nícea Helena Nogueira*
Cristina Maria Monferrari Monteiro Vianna**
Patrícia de Lucas Caldeira***

RESUMO

Apoiando-nos na literatura como porta-voz de valorização, no presente artigo, estudaremos como as denúncias e preconceitos contra a mulher ao longo dos anos são representados na sociedade, ao analisarmos a obra de Mário de Andrade, **Amar, verbo intransitivo**, de 1929. Estabeleceremos, assim, uma articulação com textos sobre o feminino e o modernismo. Sob o ponto de vista do feminino, o artigo discorre sobre os meios que o autor utiliza para fazer sua crítica social à iniciação sexual tranqüila e segura, na figura de “professora de amor”, Fraülein. O discurso literário produzido pelo escritor modernista Mário de Andrade apresenta antes um caráter denunciativo que meramente emocional, quando instaura uma denúncia sobre a posição ocupada pela mulher numa sociedade patriarcal.

Palavras-chave: Literatura. Mário de Andrade. Modernismo. Feminismo.

ABSTRACT

Literature has been shown an efficient voice of valorization, denouncing and prejudices against the woman throughout the years. In the present article we will study the portrait of the woman in the society, in the novel by Mário de Andrade, **Amar, verbo intransitivo**, written in 1929, establishing a linking with texts about feminism and modernism. The literary speech produced by Mário de Andrade presents us a denouncing character than a mere emotional one.

Keywords: Literature. Mário de Andrade. Modernism. Feminism.

* Doutora em Letras, Coordenadora do Programa de Mestrado em Letras do CES/JF, Professora titular dos Cursos de Graduação em Letras e História do CES/JF.

** Mestranda em Letras pelo CES/JF.

*** Mestranda em Letras pelo CES/JF.

1 INTRODUÇÃO

A transição do século XIX e século XX experimentou um acelerar de novas invenções nos campos da ciência e tecnologia, na filosofia e na psicologia, de crescimento das cidades e da inevitável expansão industrial. Com isso, formaram-se também novas ideologias sociais e políticas na maioria das sociedades ocidentais, o que contribuiu para a formação de uma atmosfera de ruptura. Decorreu, daí, uma visão mais racionalista da natureza e da história, descobertas morais e filosóficas, médicas e tecnológicas: “A grande tarefa de nossa época é fazer explodir todas as instituições existentes-destruir [...]” (IBSEN apud BRADBURY, 1989, p. 23).

Predominando em todos os discursos, a palavra “novo” a tudo referenciava, inclusive à nova mulher. Assim, como pintor da vida moderna baudelaireano, Mário de Andrade escreveu sobre o que estava acontecendo, registrando sem se preocupar com a tradição. Vanguardista, desprezou os valores de uma sociedade e da cultura burguesa corrompidas. É tornar novo o apelo modernista em Mário de Andrade com uma grande necessidade de renovação através das formas fragmentárias, estruturas estranhas, ambíguas e ironicamente trágicas. Elza, a personagem principal do romance *Amar*, verbo intransitivo representa um claro projeto de Mário de Andrade de elaboração da nova paideuma, de renovação de valores morais, seu compromisso com a modernidade e o modernismo. “Era preciso desmontar, minar e talvez reconstruir as velhas formas [...]” (IBSEN apud BRADBURY, p. 23).

Nosso trabalho contextualiza a obra **Amar, verbo intransitivo** com o feminismo, retomando o projeto de modernismo de Mário de Andrade. Acharmos oportuno citar o crítico de cultura Stuart Hall em seu livro **Question of cultural identity**, de 1992, traduzido no Brasil como **A identidade cultural na pós-modernidade**, em que reflete sobre três concepções de identidade do sujeito: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

Hall afirma que as identidades modernas estão sendo descentralizadas ou fragmentadas porque a identidade unificada e estável do homem do Iluminismo se desloca, sendo perpassada por várias identidades.

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista

como o sentido mais amplo de mudança que está deslocando estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando o quadro de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2003, p. 7).

Hall propõe, então, cinco grupos de descentramentos e, dentre eles, daremos destaque especial para o feminismo. O autor argumenta que um movimento iniciado como contestação da posição social das mulheres expandiu-se a ponto de formar as identidades sexuais e de gênero. O grupo de descentramento do feminismo faz parte dos movimentos sociais com ênfase e formas culturais muito fortes, havendo em todos os grupos apelação para a identidade social de seus sustentadores: no feminismo, às mulheres; na política sexual, aos grupos de lésbicas; nas lutas raciais, aos negros; no movimento antibelicista, aos pacifistas, entre outros.

A escritora e crítica literária francesa Simone Beauvoir (1970) relata que, desde o início do patriarcado, a mulher é mantida por conveniência em estado de dependência, mencionando em *Gênesis* que, através do Cristianismo, perpetuou-se na civilização ocidental. A representação do mundo é feita através do olhar masculino, que o descreve do modo como lhe é peculiar e confunde com a verdade absoluta.

Michel Foucault (1995), ao analisar as instâncias de poder que oprimem o indivíduo, afirma que nosso pensamento tende a ser formado pelas ideologias mistificadoras. Com isso podemos perceber a formação da identidade como um processo construído através de confrontos de toda ordem, com representações contraditórias presentes na sociedade. Mesmo com essa visão da formação da identidade, Foucault não apresenta o sujeito como algo simplesmente manipulável pelo poder opressor, visto que existem resistências aos processos de formulação de identidade. Essa formação de identidade inclui a distinção entre os gêneros.

A partir dessa visão surgem os mitos, os quais são, na maioria das vezes, contraditórios, por habitarem as nossas consciências. "A mulher é ao mesmo tempo, Eva e Virgem Maria. É um ídolo, uma serva, a fonte de vida, uma força das trevas; é o silêncio elementar da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e enfeitiça; é a presa do homem e a sua perda, é tudo o que ele quer ter, sua negação e sua razão de ser". (BEAUVOIR, 1970, p. 183).

É inegável a percepção das diferenças existentes entre homens e mulheres na sociedade. Mesmo que a situação esteja alterando, a posição das mulheres

sempre foi inferior à dos homens na maioria dos setores da sociedade. Elas estiveram à margem do poder dominante, sofrendo com autoritarismo desse poder. Seus desejos, aspirações, direitos e visões de mundo foram sufocados e julgados pela sociedade como inferiores, sem sentido e desnecessários. Suas idéias foram excluídas e seus ideais sufocados.

Para Michelle Rosaldo (1979), toda sociedade elabora papéis para o sexo masculino e feminino. Essa tendência geralmente tem como um dos critérios a força física, levando o homem a ter mais prestígio do que a mulher. E as mulheres como esposas, mães, bruxas, parteiras, freiras ou prostitutas são definidas quase que exclusivamente em termos de suas funções sexuais.

A mulher não teve espaço na sociedade, porque as instituições foram criadas e dominadas por uma visão “falocêntrica”, termo criado por Jacques Derrida (1975, p. 21), que une os conceitos de “falocentrismo” e “logocentrismo” para representar o domínio do discurso daquele que possui o falo.

Os sujeitos concebidos nas práticas culturais e discursivas do ocidente foram construídos com base na visão soberana de um sujeito de cor branca e do sexo masculino. A ideologia patriarcal tenta colocar as mulheres em posição passiva e submissa, idealizando-as como esposas e mães, não pensantes. Dessa forma, grande parte das análises literárias não leva em conta a influência dessa ideologia patriarcal e posição dos grupos que sempre estiveram à margem do poder, por isso não podemos considerar que o texto foi criado com neutralidade, devemos perceber os conceitos ideológicos implícitos na obra.

Usando o impulso da revolução cultural de 1960, engajada em acabar com a autoridade do falo-etno-euro-centrismo, a crítica feminista abre a possibilidade de desconstrução desse processo a partir do momento que instaura um modo particular de ver o mundo.

Na década de 1960, houve desenvolvimento do pensamento feminista. De acordo com Lúcia Osana Zolin (2009), a mulher tornou-se objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Psicanálise, e História, a Antropologia como também no campo da Literatura e da Crítica Literária. A sociedade passou a abordar a condição da mulher, revelando o princípio arbitrário das relações de gênero, apontando a hegemonia de um gênero sobre o outro, o poder distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização da vida social.

Thomas Bonnici (2009, p. 150) utiliza os estudos de Kristeva, por considerar

que a “linguagem poética irrompe dentro e contra a ordem social, especialmente quando se trata do semiótico associado ao corpo feminino”. As mudanças sociais acontecem quando há o rompimento dos discursos autoritários e a literatura faz-se um potente meio de abalar a ordem fechada da sociedade.

2 O DISCURSO IDEOLÓGICO DE MÁRIO DE ANDRADE

A partir da estratégia de leitura instrumentalizada pela categoria de gênero masculino e feminino, percebemos no romance de Mário de Andrade, **Amar, verbo intransitivo**, o desvelamento da estrutura patriarcal a partir de um viés hierárquico alienante. O universo doméstico constrói-se sobre um mundo organizado e familiar, em que as personagens femininas alienam-se do perigo de viver. É um discurso preconceituoso não apenas em relação à mulher, mas também sobre as raças e culturas não européias.

Amar, verbo intransitivo é um claro projeto estético e ideológico, percebido na movimentação intensa do foco narrativo, assim como a denúncia da alienação e da mentalidade colonizada.

Nesse livro, Mário conseguiu captar a alma da mulher, expressando-se magistralmente no feminino quando cria Fräulein, a professora, alemã, a instrutora de amor. Essa heroína, agindo com muita autonomia, ingressa no rol das personagens femininas da literatura brasileira. Mário denuncia a marginalidade da mulher num mundo marcado pelo poder masculino.

Fräulein é a personagem mais humana e real. Talvez foi arrancada da vida. Como é Fräulein? Um retrato: “Não é clássico nem perfeito o corpo da minha Fräulein. Pouco maior que a média dos corpos de mulher. E cheio nas suas partes. Isso o torna pesado e bastante sensual”. (ANDRADE, 1995, p. 57).

O autor continua pincelando a tela branca para desenhar Fräulein, sua heroína do amor:

Fräulein não é bonita não. Porém traços muito regulares, coloridos de cor real. E agora que se veste, a gente pode olhar com mais franqueza isso que fica de fora e ao mundo pertence, agrada, não agrada? Não se pinta, quase nem usa pó-de-arroz. A pele esticada, discretamente polida com os arrancos de carne sã...” O

que mais atrai nela são os beijos, curtos, bastante largos, sempre encarnados... "Olhos castanhos, pouco fundos..." Que cabelos mudáveis! Ora louros, ora sombrios, dum pardo e foto interior [...] (ANDRADE, 1995, p. 58).

Barthes (1975) introduziu na literatura o conceito de "obra aberta", a que permite ao leitor construir seu significado. Mário de Andrade criou um narrador em **Amar, verbo intransitivo** para permitir a cada leitor a criação da Fräulein na mente. Podemos perceber, no trecho abaixo, essa abertura: "Ficam pistas, pegadas mais ou menos nítidas, para que o leitor tente, ele também desvendar Fräulein através dela própria ou dos traços que o narrador simplesmente registrou e não aprofundou em seu significado". (ANDRADE, 1995, p. 10).

Elza aparece com uma grande simplicidade instintiva diante da natureza. Ficou conhecida e será chamada sempre pela palavra alemã Fräulein. Chegou à mansão de Souza Costa, em uma terça-feira com planos de ganhar algum dinheiro, como pode ser observado no seguinte trecho do romance:

Se o estado da Alemanha melhorasse, mais um ou dois serviços e podia partir. E a casinha sossegada... Rendimento certo, casava... O vulto ideal, esculpido com o pensamento de anos, atravessou devagarinho a memória dela. Comprido magro... Apenas curvado com o prolongamento dos estudos... Científicos (ANDRADE, 1995, p. 50).

Sua meta era voltar para a Alemanha, onde se casaria com um moço descrito como comprido, magro, muito alvo e quase transparente.

O narrador trata da chegada de Fräulein na mansão de Higienópolis, em São Paulo, definindo-a metonimicamente como o futuro ponteiro do relógio familiar, dando-lhe a definição de professora. Contratada por Souza, pai do rapaz, para ser instrutora de sexo, Fräulein Elza exerceu na família a função de governanta, professora de línguas e piano.

Podemos destacar que Fräulein (em alemão, "senhorita", mas também pode significar "professora") realiza seu serviço com dignidade, não enxergando relação alguma com prostituição. Assume realizar uma missão. Sua profissão não a impedia de acalentar, aos 35 anos, um romântico ideal de amor.

Era uma governanta, mas principalmente uma professora de amor. Viveu

muito bem o seu papel. Vendeu o seu trabalho, serviu a seu cliente. A alemã soube vender o amor muito bem por oito contos, um bom pecúlio para, depois, poder voltar à Alemanha, casar-se e arranjar a vida. Estava sempre com a idéia fixa de desposar um moço comprido e magro.

Elza não traz e não precisa de sobrenome; Fräulein e Elza, sempre mencionados separadamente, valem como um todo, dando-lhe traços prototípicos. O núcleo narrativo é o idílio entre Elza e Carlos, seu jovem aluno.

A ação principal está em Fräulein: seu domínio sexual, com imperturbável serenidade, bem alemã, contrasta com a espontaneidade sexual, com a impetuosidade bem brasileira do excelente aluno em sexo, Carlos. Ela se afeiçoa mais que desejava a Carlos, sem contudo, poder esquecer-se da intransitividade do verbo amar.

Amar, verbo intransitivo coloca-nos um embate clássico: sentimento x razão x paixão, como traço básico de um povo possuído de caráter nacional definido, o alemão, representado por Fräulein. O amor – criação do verbo intransitivo, por complemento o mundo – toma Carlos completamente. Não apenas por Fräulein, também as irmãzinhas. (ANDRADE, 2009).

Fräulein Elza projeta um desejo inconsciente de liberdade, de primitivismo. Ela sabe o que quer: homem-da-vida e homem-do-sonho. Alienada ou não, sabe se definir, não gosta de hesitar. Em sua mente as duas facetas se conjugam, justapõem-se, opõem-se: o ponto final, marcando tudo que é prático, e soluciona o dia a dia, o garantir de quem veio de Leipzig para fazer América, e as reticências.

Ela não gosta de sofrer, aprecia comer bem e trajar bons tecidos. As reticências são a porta já aberta para fugir do discurso masculino de opressão ostensiva, dos Souza Costa, que se impõem por de gritos. Quando apanhados em falta, foge de Carlos, jovem machucador, e dos jovens que podiam tratá-la com impaciência e grosseria. As reticências também demonstram a fuga do julgamento hipócrita dos chefes de família e a porta aberta para se colocar sob um poder masculino mais brando, seu domínio, pois a professora de amor não discute a supremacia do homem.

Elza, sem muito interesse, cuida também da educação das meninas, principalmente para ensinar alemão e piano. São três meninas que completam a família burguesa no romance. São meninas que brincam de casinha. Fräulein não é solidária com as outras mulheres, é sempre severa no julgar Laura, a esposa de

Souza Costa, não se apega às meninas.

A governanta é, sim, uma eficiente professora de sexo: teórica, e, principalmente, prática. “Professora de amor... porém não nascera pra isso, sabia. As circunstâncias é que tinham feito dela a professora de amor. Se adaptara...” (ANDRADE, 1995, p. 71). Teve que se adaptar, pois: “Tornaram a vida insuportável na Alemanha. Mesmo antes de 14 a existência se arrastava difícil lá. Fräulein se adaptou. Veio pro Brasil, Rio de Janeiro. Depois Curitiba, onde não teve o que fazer. Rio de Janeiro. São Paulo. Agora tinha que viver com os Souza Costa. Se adaptou” (ANDRADE, 1995, p. 71).

Ela se condena por ser moralista, declara ter a profissão que a fraqueza lhe permitiu exercer. Defende a ordem e a moral estabelecidas, transgredindo-as para consolidá-las e aperfeiçoá-las. Além disso, esse disfarce meio hipócrita de Fräulein ser na aparência a governanta e, na verdade, iniciadora de amor revela toda a complexidade em que a sexualidade humana está mergulhada. Há todo um jogo de querer e esconder, negar e afirmar, que vai perpassar a relação da governanta na casa. Legitima o autoritarismo, exigindo de Souza Costa que seu rompimento com Carlos se desse por meio violento.

Fräulein tinha de ir embora, para ensinar a outros alunos. “Cumpriu a missão dela, o que sabia ensinou” (ANDRADE, 1995, p. 91).

Para despedida, Souza Costa cria um drama para o filho, assim ela vai embora. Segue para Santos. Ou para Campinas. Realizam-se as despedidas. Lá se vai Fräulein e o idílio acaba aqui. O livro está acabando. Mais alguns trabalhos profissionais e poderia se aposentar com os oito contos e alguns sonhos e, depois, o casamento com o moço magro e pálido. Fräulein já tem um novo aluno: Luís.

No fim do romance, ela encontra Carlos no carnaval. O rapaz a vê e a cumprimenta formalmente. Parecia estar mais ocupado em curtir a garota que lhe fazia companhia.

Fräulein tem um misto de emoções. Ao mesmo tempo em que seu lado sonhador sente-se frustrado, pois o rapaz mostrou-se frio, ela se sente realizada ao lembrar de todos que iniciou, aos que ensinou o amar, intransitivamente, ou seja, o amar não importa qual seja o objeto, o alvo. É como se quisesse ensinar que o mais importante é aprender a amar intransitivamente para depois poder amar alguém, transitivamente. Entrega-se à fantasia de ver-se como mãe de amor.

Personagem de traços expressionistas, ela alucina e bane a razão. A heroína

transcende e paira acima de suas contradições. O mito, voz do deus encarcerado, avança para ser, imediatamente, suplantado pelas exigências do homem da vida. O mito, como fuga: Fräulein afastava sua angústia, seu sofrimento, reassegurando-se com uma visão grandiosa do seu mister.

Sua condição de mulher é trágica e marginal, em um mundo burguês e do homem; sua condição é tão trágica que não lhe confere sequer a saída da tragédia.

Serve voluntária e aliciadamente ao homem e à burguesia, acorrentando-se como Sísifo – a personagem mítica do eterno recomeço. Ela ama o amor e não quer correr o risco de amar. O amor existe e age dentro de Fräulein como um verbo, porém sem objeto: verbo intransitivo. Ela representa a figura da mulher que não vive à sombra de homem algum, capaz de escrever seu próprio destino. Consegue ser livre das amarras do falocentrismo, mas ao mesmo tempo não deixa de cultivar seu sonho de voltar à Alemanha, casar-se e constituir família.

Amar, verbo intransitivo é um romance que dá voz à mulher. Denuncia o poder que transforma o homem em um simples macho e condena o poder que leva a mulher a se sentir deliciosamente abatida.

Mário de Andrade já havia dado provas do seu excepcional talento para poesia e para prosa de ficção, quando explodiu o movimento modernista. Em 1927, cinco anos após da Semana de Arte Moderna, o autor estreava uma experiência de maior fôlego, o idílio **Amar, verbo intransitivo**. Seguindo a visão modernista, o autor estabeleceu em suas obras relações com a cultura popular brasileira, isto é, rompeu com os traços literários vigentes da época criando uma nova linguagem. Para Mário, sua literatura deveria atingir função social e reflexiva, mas não meramente estética, para o deleite do público. Ele também enfatiza o perfil do brasileiro, em que exalta as virtudes e os defeitos existentes nos seus conterrâneos e na própria sociedade burguesa de sua época.

Tendo grande interesse pela psicanálise, o autor insere em algumas obras influências que os estudos freudianos tiveram sobre os modernistas. Particularmente no romance **Amar, verbo intransitivo**, o autor desenvolve a temática da crítica à sociedade burguesa da época, embasada nas relações familiares e amorosas. Além disso, questiona o paradoxo social, o estrangeirismo e o preconceito, entre outras questões.

A crítica à sociedade burguesa é fundamentada na questão da hipocrisia e da superficialidade, presentes nas relações humanas, pois as personagens

optam por ignorar os problemas existentes, a fim de a estabilidade social não ser abalada. Portanto, a intenção do autor é denunciar, com muita ironia, e motivar o questionamento acerca dessa hipocrisia existente nas relações humanas.

Ao analisar e criticar as relações humanas estabelecidas na sociedade burguesa e patriarcal, percebemos que a obra *Amar*, verbo intransitivo é um romance pró – mulher. Mário de Andrade conseguiu mostrar, através de Fräulein, a figura de uma mulher que reage às imposições de uma sociedade que priva mulheres em todos os seus setores.

Neste trabalho foi feita uma pequena análise. É certo que ainda há muito para se pesquisar, debater e acrescentar sobre a situação feminina nesta obra e em muitas outras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Amar, verbo intransitivo. **Scribd**. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/6936433/Mario-de-Andrade-Amar-verbo-intransitivo>>. Acesso em: 06 jun. 2009.

_____. **Amar, verbo intransitivo**. 16. ed. Belo Horizonte: Vila Rica, 1995.

BARTHES, R. **The pleasure of the text**. Tradução R. Miller. New York: Hill & Wang, 1975.

BEAUVOIR, Simone. Os mitos. In: _____. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. p. 179-197.

BONNICI, Thomas. Teorias estruturalistas e pós-estruturalistas. In: _____. ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.) **Teoria literária: abordagens histórica e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 150-171.

DERRIDA, Jacques. **Poétique**. Paris: Flammarion, 1975.

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James. **Modernismo: guia geral**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Tradução Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RAMALHO, Cristina (Org.). **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. **A mulher, a cultura e a sociedade: uma visão teórica**. In: LAMPHERE, Louis; ROSALDO, Michelle Zimbalist (Coords.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 33-60.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.